

Que pode um texto? O desejo da escrita contra o fim da alteridade

What can a text? Desire of writing against
end of alterity

Qué puede un texto? Deseo de escrita
contra el fin de la alteridad

Recebido em 11-08-2022

Aceito para publicação em 16-10-2022

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i3.39809>

 **Luis Maffei**

Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. Bolsista de produtividade CNPq. E-mail: luismaffei@id.uff.br

197

Resumo

Um dos fenômenos mais visíveis de nosso tempo é o da redução da escrita, diretamente ligado às imposições mais diversas provenientes dos dispositivos digitais: eles forçam uma hipertrofia da resposta e da reação, enquanto diminuem tamanho e potência dos textos. Isso produz uma precarização da cena de escrita, que, por se espalhar por todos os lugares, já não se localiza em lugar algum. Justamente por isso, perde-se o corpo que escreve e a paisagem desse corpo, que se vê experimentando o estiolamento da alteridade e do infamiliar. É a escrita como exercício de atenção à linguagem (na literatura, na epístola) que ainda mantém a possibilidade da construção de um lugar de relações e de derivas democráticas, pois esvaziar a linguagem é, por si só, adubar a violência.

Palavras-chave: Cena de escrita; Linguagem; Ausência; Alteridade.



Cláudia Lucas Chéu, poetisa, dramaturga, ficcionista portuguesa, é uma autora provocante. Seu poema “Epístola de telemóvel” será minha primeira companhia nesta reflexão, que, no fundo, é sobre o que posso chamar, provisoriamente, de antipaisagem, ou de não escrita de uma antipaisagem. Não vou comentar obras literárias, mas um cenário comportamental ligado ao que chamo de *despresença*, noção que elaborarei mais adiante. Antes de tudo, contudo, uma obra literária, o poema de Cláudia, para não dizer que não falei logo de poesia:

EPÍSTOLA DE TELEMÓVEL

Quase não dormi esta noite.
Tens de parar.
Tens de ter consciência da gravidade do que fizeste.
Da crueldade que representa, depois de teres sabido da minha história.
De me teres visto. Nunca me perdoarias,
caso te tivesse feito uma cena destas.
Não sei o que esperas.
Fica grave não teres consciência do que aconteceu.

Penso na vida contigo e tudo está conspurcado.
A dizeres e fazeres coisas
que pareciam mesmo bonitas e limpas e raras.
E agora, sujidade em cima de tudo.
Estavas a fazer outras coisas em simultâneo.
A pessoa por quem estava apaixonada tinha uma vida dupla,
e penso: foi a traição mais prolongada e consciente que me fizeram.

Não sei como podes querer branquear este tempo todo
com as últimas semanas. Fico ainda mais triste,
como se antes disso não tivesse emoções
e não me tivesses feito mal a sério.

Impediste-me de viver bem, de construir algo bom.
Estavas presa do outro lado,
a partilhares casa e cama com outra mulher,
meu deus, e a atirares as culpas todas em cima de mim
(por não te esconder as minhas dificuldades), de não avançarmos
na nossa intimidade.
És cruel.

Custa-me muito ter de te explicar estas coisas.
Achei que pintarias a cara de vergonha e afastar-te-ias.
Mas não.
Não entendo que culpas me queres atribuir,
podes crer que não sinto nenhuma.
Tirando o facto de me sentir crédula e estúpida,
uma vez mais na vida, tudo se há-de recompor.
Para mim e para ti, em vidas separadas.

Peço-te que pares com isto.
Seja lá o que for que estás a tentar fazer.
Fazes-me mal, ainda mais agora
Segue o teu caminho e procura ser feliz, com paz.
Eu tentarei fazer o mesmo.
Um pouco mais escangalhada, verdade, mas aguentarei.
Que remédio.
Sabes uma coisa? Não viste o essencial.
Que não me podias fazer uma cena destas.

Ainda tenho um bom coração, e cada ano que passa
e conheço mais pessoas, mais sei o quanto ele é raro, felizmente.
Sei disto.
Não merece ser esmagado, de todo.
Demoro a chegar às cenas e demoro a sair.

Terei um longo caminho pela frente.
Mas aprendi, aprendi mesmo.
Tenho de seguir o meu instinto.
Se algo me diz, desde o início, que não é de confiar,
é porque o meu instinto deve estar certo.
Mudarei isso na minha vida.
E afastar-me-ei, sempre. Agradeço-te.
Ainda não tinha lá chegado. Sou lenta. (2018:36, 37)

O poema não é breve, e esta é sua primeira ironia: ao olhar o papel que se segue ao título, quem lê percebe que mais de uma página é ocupada por “Epístola de telemóvel”. Isso seria esperável de uma carta, talvez não de uma escrita no celular. Além dessa incompatibilidade, o poema é irônico por outras razões, especialmente a seguinte: a dor dessa mulher, a exemplo de tantas outras, traída – traição que se situa num contexto, previsível e culturalmente ainda vigente, de uma masculinidade radioativa, deletéria –, é expressa numa sucessão de clichês. Podemos pensar que a dor nos arremessa ao clichê, sobretudo uma dor motivada por um comportamento clichê. Por outro lado, não obstante a dignidade que pulsa nas palavras da mulher traída, será possível sair do clichê numa escrita de telemóvel (olho na preposição: a epístola não apenas está *no* telemóvel, mas é *de* telemóvel)?

O celular é a ironia final (ou mesmo inicial, logo quando lançamos o olhar para as páginas do livro). Considerando a cena ficcional da escrita, não do poema, mas da carta que o poema encena, fico pensando: que aplicativo a mulher usou para escrever seu libertador desabafo? E-mail, WhatsApp, trocador de mensagens do Facebook? Meu problema teórico neste ensaio passa, precipuamente, por isso: como entender a redução dos espaços da escrita como redução da própria linguagem, e, conseqüentemente, de mundo e de paisagem? E como isso se relaciona com o que chamo de *despresença*?

Antes de mais, é preciso considerar o desaparecimento das cartas. Em rigor, escrever epístolas, sobretudo se longas, no celular é uma prática incomum. Nunca foi tão certa a afirmação de Marshall McLuhan segundo a qual *o meio é a mensagem*. Não quero ir longe pensando nessa precisa consideração do teórico canadense, que já virou refrão há muitas décadas, ainda mais porque me aproprio dela de modo, digamos, interesseiro; fico-me apenas no óbvio mais ululante: como emitir uma mensagem longa num meio breve? É possível, mas é difícil. Difícil inclusive em virtude da superação das mensagens (no sentido mais lato possível) longas por um *continuum* discursivo que não apresenta profundidade, apenas duração, e duração ansiogênica.

Meu primeiro entendimento de paisagem neste texto tem a ver com um problema que interessa a muita investigação sobre literatura: a cena de escrita. Não vou mergulhar em obras, como já indiquei; penso em escrita como uma prática humana, disponível a quase todas as pessoas. A literatura, talvez eu possa entendê-la como ocupante do lugar extremo do que seja escrita, quer dizer, é a escrita levando a língua a suas últimas consequências, mesmo inconsequências, se pensarmos em comunicação. Ou não é bem isso, se considerarmos que a literatura não é exatamente um ato de escrita que não seja a própria irredutibilidade da escrita, e aí já não é escrita nenhuma, é outra coisa, talvez o que Barthes, contornando a própria noção de escrita, viu-se tentado a chamar de escritura.

Neste ensaio, por estratégia, serei mais aderente ao primeiro dos dois entendimentos, especialmente pelo lugar intermediário, ou singular, que as cartas ocupam no universo da escrita. Epístolas não são literatura, mas muita literatura é epistolar. Além disso, a carta é um tipo de escrita que recebe, sem indocilidade, aspectos que não estão assim tão longe do literário, especialmente a atenção da linguagem a si mesma, não obstante a vontade comunicativa das mãos que empreendem missivas. Enfim, tal como na literatura *stricto sensu*, as epístolas (aquelas, claro, que não se limitam a alguma burocracia) se inclinam para uma emotividade lentamente construída, percebendo a linguagem como potência produtora de afetação.

A dimensão espacial do poema de Cláudia Lucas Chéu tem a ver com uma epístola, mas não o seu suporte, que é o que me faz pensar em *cena*. Como é a cena de escrita de uma carta? O corpo senta-se a uma mesa, secretária ou escrivaniinha – ainda que haja quem escreva em pé, como Fernando Pessoa dizia que escrevia quando possuído por Álvaro de Campos. Diante do papel, ou mesmo da tela do computador (já reconheço a possibilidade de se escrever cartas em computadores, malgrado a perda da caligrafia, assim como era possível, desde muito, datilografar epístolas), quem escreve estabelece, em primeiro lugar, uma relação com seu próprio espaço, que precisa acolher a escrita, e isso tem direta relação com uma consciência do corpo que escreve. Então, em primeiro lugar, quem escreve uma carta é um corpo. Que corpo?

E quem escreve num telemóvel? Em diversos níveis, escrever no celular é pouco mais que dar uma resposta a algum chamado. Uma noção que me parece útil agora é sintetizada pela sigla inglesa FOMO, iniciais de *fear of missing out*, isto é, “medo de perder algo”, ou, melhor traduzindo, “medo de ficar de fora”. O que Franco Berardi chamou de infoesfera é um universo onde a imposição da pertença talvez seja mais autoritária ainda que em muitos outros, inclusive porque o mundo, digamos, não digital informa o digital, claro, mas a recíproca é mais que

verdadeira – é, talvez, hegemônica.¹ Assim (com o perdão do resumo um bocado grosseiro), escrever no celular, em grande parte dos casos, é *reagir* – verbo, no contexto dos marketings digitais, muito prestigiado, menos apenas, quiçá, que *engajar*.

Reagir, responder, tornou-se um imperativo. Mas a que se responde? Que interesse leva alguém a responder, reagir, engajar-se? Potencialmente, qualquer coisa. Percebo agora que uma das ironias do poema de Cláudia Lucas Chéu é haver um claro conteúdo naquela carta: a decisão pela separação, tomada pela voz feminina do poema. Isso só é uma ironia porque, nas respostas, nas reações, nos engajamentos, pouco importa o conteúdo veiculado, pois o que importa é o imperativo de se responder. Assim, quando algo desperta numa grande quantidade de pessoas o FOMO, acontece uma nova versão do que sempre aconteceu com as mais diferentes vogas ao longo do tempo, especialmente dos tempos regidos pela comunicação de massa: é preciso não “ficar de fora” daquilo. Com efeito, sempre foi assim com as modas e os modismos, sempre foi um gesto de afirmação de singularidade recusar a música da moda, o filme da moda etc. Contudo, há uma diferença clara: o “medo de ficar de fora”, no universo da infosfera, reage, responde, se engaja, portanto, diz coisas, e diz muitas vezes na forma de textos demasiado breves.

Ainda estou pensando em cena de escrita, uma cotidiana, sem aura, de dedos pregados à tela do celular. O dizer coisas nessa cena certamente é muito pobre da paisagem que configura justamente a cena de escrita. Avanço nesta reflexão pensando num preciso dispositivo em que, bem ou mal, se escreve, o WhatsApp. Não me parece excessivo entender esse aplicativo, como tantos outros que pululam na infoesfera, como uma “coleira eletrônica” (2013:229), expressão premonitória forjada por Gilles Deleuze no começo dos anos de 1990. Hoje pertencente ao Facebook, o WhatsApp se tornou hegemônico nos últimos anos. É cada vez mais raro encontrar quem não o utilize, e, entre quem o utiliza, é cada vez mais raro encontrar quem o faça de maneira descontínua, pois uma das características desse dispositivo é criar uma circunstância comunicativa permanente, seja entre duas pessoas, seja entre agrupamentos familiares, profissionais ou de outro perfil. Essa continuidade já cria, no que quero pensar como cena de

201

¹ O ex-jogador de futebol Walter Casagrande Jr. atuou como comentarista da Rede Globo de Televisão por diversos anos, até deixar a função em julho de 2022. Foram diversos os momentos, especialmente nos últimos anos, em que Casagrande manifestou-se politicamente, como quando criticou a normalização do futebol profissional durante a pandemia ou quando defendeu o direito de Raí, então dirigente do São Paulo, de declarar sua enorme antipatia a Jair Bolsonaro, quando muita gente desejava que o são-paulino fosse suavemente apolítico. O fim do relacionamento do ex-centroavante com a Globo tem tudo a ver com política, mas quem pauta a força desse atrito é a infoesfera; disse Casagrande, em entrevista logo após sair da emissora: “Hoje, não só a Globo, quase todos os lugares ficam pautados em cima das redes sociais. A rede social é uma guerra lá dentro, as pessoas e emissoras estão preocupadas com seguidores e pessoas que falam de um determinado assunto popular demais, que não interessa de forma social ou política, e isso não faz parte do meu perfil.” Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/07/07/uol-entrevista-casagrande-deixa-a-globo-apos-25-anos.htm> - Acesso em 8. jul. 2022. A entrevista de Casagrande não deixa de corroborar que as falas na rede pautam mais a não rede que o contrário.

escrita, uma farta e constante disponibilidade para reagir. O WhatsApp mobiliza inclusive certos fantasmas nas relações: a partir de sua quase incontornabilidade e de seu uso inintervalado, torna-se um gesto o fato de alguém demorar a responder a uma mensagem, posto que o programa informa se o destinatário “visualizou” ou não o que recebeu – é por essas e outras que o dispositivo permite que as pessoas se controlem umas às outras, sem que exista, necessariamente, um poder soberano a dominar todo mundo.

Um aplicativo como esse atua diretamente na relação da pessoa com os lugares – por exemplo, a cidade e, conseqüentemente, sua paisagem. Se o espaço urbano, como nos diz Janice Caiafa, possui um devir estrangeiro e pode, inclusive, nos deparar com linguagens recheadas de inesperado, o WhatsApp é uma trava para a infamiliaridade. Uma das conseqüências de se abrir ao labirinto da cidade é o risco de perder-se. Imagino agora alguém perdido na cidade que resolva comunicar a um “grupo” de WhatsApp que não domina seu atual paradeiro. Dependendo da intimidade entre as pessoas, a criatura perdida receberia, em muito pouco tempo, desde sugestões de achamento até pitos por não ter sido suficientemente cuidadosa. A cidade é que, na sua força de estrangeiridade, estaria claramente perdida.

Pensar na cidade e na paisagem urbana me ajuda a entender melhor essa cena de escrita feita de continuidade, disponibilidade e familiaridade (uso essa palavra apenas para indicar o contrário da estrangeiridade). Escreve-se muito pouco, mas essas pílulas conversacionais sem corpo são entendidas como “conversas”. Isso, é óbvio, redimensiona de modo radical a noção contemporânea do que seja o exercício da interlocução, para além, como veremos, de alterar a relação do corpo não apenas com as escritas (pequenas ou grandes, modestas ou ambiciosas), mas com as cenas em que as escritas se dão – e as paisagens que a escritas pode criar.

Em rigor, não é um exagero apocalíptico supor que a alteração das cenas de escrita resulta numa (e é resultado duma) alteração da escrita cujo resultado não poderá não ser a redução do texto – por isso é tão estranho que se escreva uma longa epístola num celular, não obstante, repito, a sucessão de clichês presente no poema de *Beber pela garrafa*, esta, sim, próxima do que pode algo como um smartphone. As cartas sumiram do mapa. O desaparecimento das cartas me faz pensar nas configurações das relações humanas em nosso tempo, e volto a considerar a totalitária e inconcessiva digitalização do mundo. Tenho meditado com frequência acerca da imperatória condição dos contatos sem corpo. A ideia de *produção de presença* concebida por Hans Ulrich Gumbrecht pode ser oportuna para se avaliar como a crescente e cada vez mais constante relação das pessoas humanas, não apenas *através* dos aplicativos, mas *com/ n'os* aplicativos, permite o esboço de um conceito que poderia ser chamado, à queima-roupa, de “produção de ausência”, mas que, certamente, é mais bem

expresso por uma palavra de prefixo negativo, que sugere inquietação e deslocamento: *despresença*.

É que a ausência também está ausente, e o sumiço das cartas é um escandaloso sintoma disso. Diferente da continuidade que orienta o uso dos aplicativos, a dinâmica da troca epistolar exige o intervalo, a passagem do tempo (e um enorme respeito ao tempo) e certa alteridade de espaço. Além disso, a carta reivindica uma cena de escrita que trabalha justamente ausência, distância e passagem de tempo: é preciso que a outra pessoa não esteja ali; é preciso que ela se encontre, preferencialmente, inacessível a um potencial encontro; é preciso, enfim, que haja tempo para que a carta se dirija aos olhos a quem se destina e os encontre, e seja encontrada por eles.

Logo, não me parece operativa, nesse universo, a noção de ausência em virtude precisamente da ausência da ausência. Como, contudo, essa ausência não produz presença, mas uma nova condição, julgo que em *despresença* há a eficácia semântica que procuro. O termo *impresença* também poderia ser oportuno, pois indicaria algo distinto da *presença*, mas a opção por *despresença* quis evitar a semelhança de *impresença* com a expressão latina *in praesentia*, que se ligaria, não à ideia sobre a qual a noção quer pensar, mas à própria “produção de presença” defendida por Gumbrecht – além disso, o prefixo *des* guarda a radicalidade opositiva que me interessa. Ainda se ofereceria a hipótese da expressão *apresença*, atraente por sua familiaridade com *aletheia*, noção central para o pensamento grego e, portanto, ocidental. No entanto, além de não ser o caso de trabalhar um conceito plenamente afirmativo que, não obstante, se mostra pela negação, como é o caso de *aletheia*, a sonoridade também trairia a ideia: *apresença* soaria como “a presença”.

Então, a *despresença* não apenas se distingue da presença, mas também da ausência. O que se cria a partir de uma comunicação constante e vazia é o que posso chamar de espectralidade comunicativa: comunicação constante, enxurrada de informações, mas comunicação fraca e, no limite, anticomunicativa. Quem *reage* não se vê diante da produção de qualquer conteúdo vigoroso, apenas *responde* a chamados estilhaçados, em nada capazes de ensejar o texto. Pode-se, logo, pensar na falência do texto, tendo a cena de escrita da carta desaparecido junto com a debilitação da escrita em papel. Uma consequência imediata e evidente disso é o fim da escrita a mão, que é a que apresenta a subjetividade do missivista logo na caligrafia (ainda que eu admita cartas a máquina ou mesmo redigidas no computador). A resposta imediata, digital, depende da hipotrofia de um tipo de texto que, à medida que se debruce sobre o problema que quer dividir, debruça-se também sobre si mesmo, sobre o pretexto de sua realização e sobre o assunto que pretende levar adiante.

Isso me leva a considerar que responder imediatamente, reagir, é um trabalho sem tempo, ou melhor, sem tempos. Não tem Cronos, pois não se alonga numa duração do próprio ato da escrita – a continuidade disponível dos aplicativos de celular é, por si só, a transformação do tempo num infindo jogo de esperas aflitas e respostas curtas, e é isso o que também se passou a chamar de conversas. Tampouco tem Kairós, já que não existe qualquer tempo oportuno, pois o momento kairótico depende agudamente de nuances, intervalos, oscilações na experiência. Se eu movimentar um centímetro a noção de paisagem para abarcar também o que cerca a cena de escrita, não é exagerado supor que os aplicativos de celular minguem as hipóteses do próprio haver paisagem em relação com o escrever.

Sem paisagem, como haver corpo? Quer dizer, que corpo se define sem que exista, em torno de si, uma paisagem? Não me vejo assim tão longe (ainda que tampouco próximo demais) da imagem da clareira, que Heidegger engendrou pensando em ser, ente e mundo. Daqui, evidentemente, eu poderia rumar, em estrada um bocado sinuosa, até a relação entre uma técnica que o filósofo sequer considerou, talvez uma pós-técnica que roça a banalização da técnica, e uma categórica perda de mundo. Não o faço, mas deixo o registro, a primeira pedrinha da trilha que, algures, poderá ser desafiada.

No caminho que elejo, recordo que Buyng-Chul Han insiste na vigência contemporânea de um *inferno do igual*: a diversidade da infoesfera, que é a diversidade cultivada pela mentalidade neoliberal, sufoca a alteridade, ideia-chave de uma modernidade que incendiou o século XIX e invadiu o XX. Atendendo pelo nome de modernismo português, por exemplo, essa modernidade foi a paisagem cultural da desesperada festa heteronímica de Pessoa, assim como do desespero homonímico de Mário de Sá-Carneiro. A diversidade hodierna apresenta corpos diferentemente expostos, mas semelhantemente engendrados, isto é, a aparente diferença que pulula esconde o fato de que os processos que geram essas diferenças não produzem alteridade. É que esse diverso, ao contrário do que Maria Gabriela Llansol semeava na própria esquina do inesperado, é a realização de expectativas sempre esquemáticas, que exigem o máximo de eu nos eus enquanto cultivam, em verdade, uma tensão entre pertença superficial (responder, reagir, engajar) e narcisismo, manifesto nas infinitas empresas identitárias de si que não se problematizam, mas se exibem, se fotografam e não param de se expressar em quadradinhos cada vez menores.

Volto já ao corpo (acho que nem saí dele, afinal). Não haver alteridade enquanto há pura reação a chamados quase aleatórios é o que não apenas bloqueia a alteridade, mas, por consequência, bloqueia também a singularidade da escrita – não apenas da escrita, mas dos gestos. Ocorre-me agora que algumas pessoas tentam usar dispositivos como o Facebook a fim

de partilhar ideias – citações de obras, reflexões próprias etc. Para esse tipo de prática, quão mais longe se fica da lógica do meme,² mais próximo se fica ao menos de um esquisso do velho debate público. No entanto, a lógica do Facebook é impeditiva ao debate público, entre outras razões porque as tentativas de minidebates se estiolam dentro do remoinho narcísico e monológico da rede, que não quer causar debate, mas as emoções mais negativas, que são as que causam mais engajamento – e mais dinheiro.

Não espanta, portanto, que as mídias sociais tenham forjado a ideia, um tanto debochada, de “textão”: quando alguém desatende ao requisito do escrever muito pouco, o resultado de seu investimento redatorial é o que se entende pelo nada solene aumentativo. Não raro, quem o produz pede desculpas, e logo avisa que sua postagem é desconfortavelmente longa.³ O Twitter é a rede que entende de forma mais deflagrada a dinâmica da redução da escrita, pois estabelece uma quantidade irrisória de caracteres para cada mensagem – ou seja, quem usa o microblog não é desmotivado ao texto longo, é impedido do texto longo. Penso, todavia, no Twitter apenas como a radicalização de um fenômeno que se mostra em praticamente toda a Internet,⁴ que é o da *desecria* (a lógica que rege essa construção vocabular é a mesma que orienta *despresença*): quem quiser propor um texto longo num espaço com o Facebook terá que se haver com a impossibilidade de aquilo criar uma conversa, ou algo que invista na alteridade. Penso, de novo e ainda, no poema de Cláudia Lucas Chéu que abriu este ensaio: tão esquisito como uma *epístola de telemóvel* seria, digamos, um ensaio literário de Facebook, ou uma resenha de Twitter.

Repito perguntas que já fiz: sem paisagem, como haver corpo? Quer dizer, que corpo se define sem que exista, em torno de si, jogando com ele, uma paisagem? A primeira resposta que me ronda é: o corpo está em vias de um inaudito enfraquecimento. A solução é simplória, ainda que os corpos se venham transformando no contrário do corpo, por diversas razões – uma delas é exatamente a falência da alteridade, pois não receber o que vem de fora e *de frente*, na expressão que Byung-Chul Han engendra junto com cabeças que lhe interessam, protege o corpo de sabores e dissabores, delícias e desgostos, menos-corporificando-os. Então, o que existe é qualquer coisa que lembra um corpo, que guarda do corpo alguns vestígios, mas não mais possui o imperfeito vigor de um corpo. É irresistível citar um breve fragmento da conversa de Deleuze com Espinosa. Escreve o francês:

² Em síntese, com “lógica do meme” quero englobar o achatamento do debate na forma de manifestações a um tempo rápidas, superficiais e necessariamente vinculadas a alguma comoção.

³ Não perco de vista que o “textão”, em geral, não dá conta de uma ideia, mas de um desabafo. Assim, mesmo produções textuais, no universo das mídias sociais, que lançam mão de uma quantidade menos mísera de caracteres tendem a se dedicar à empresa de si, ou, sem meias palavras, a um investimento narcísico.

⁴ Há, certamente, usos criativos da rede, inclusive artísticos. Não me debruço sobre eles porque meu problema não é a exceção, mas a regra.

[...] uma conexão não é separável de um poder ser afetado. Dessa maneira, Espinosa pode considerar como equivalentes duas questões fundamentais: *Qual é a estrutura (fabrica) de um corpo? Que pode um corpo?* A estrutura de um corpo é a composição da sua conexão. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado (2017:240, grifos no original).

Conexão é uma palavra-chave: conexão entre as partes de um corpo a fim de que este possa também fazer conexões. E, escreve Deleuze com a maior clareza, “uma conexão não é separável de um poder ser afetado”, donde se conclui que o “que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado”. Sem ir longe e sem a pretensão de ler com maestria o fragmento, cogito que não há conexão sem afetação, e não há conexão nem afetação sem que o corpo se dê ao mundo. A cidade é mesmo um lugar potente para se pensar em corpo: o devir estrangeiro da cidade afeta o corpo que se deixa afetar pela cidade. Quanto mais defesas são postas entre o corpo e o mundo (e muitas dessas defesas, hoje, são digitais), menos o corpo se põe em lugar de ser afetado, e menos, conseqüentemente, afeta outros corpos.

Digo agora, sem muito cuidado, que uma das potências (palavra altamente espinosista) que afeta um corpo é a escrita. Páginas atrás, referi-me à irredutibilidade da literatura enquanto escrita, mas também deixei claro (e agora deixo-o ainda mais) que meu interesse é pensar uma escrita que possua uma paisagem – a obra, a carta, a subjetividade em relação com a alteridade, em resumo, o que possibilite a existência de um texto. Faz todo o sentido pensar, portanto, na cena de escrita da carta; mais especificamente: que corpo escreve a carta? Por que a carta se interessa tanto pelas paisagens? Caio Fernando Abreu foi farto missivista. Interessa-me o começo de uma carta do escritor gaúcho, endereçada a sua mãe, que adoto como metonímia desse tipo de escrita:

Querida mãe,
deu vontade, de repente, de escrever para a senhora. São quase seis horas da tarde, o sol começou a se pôr bem aqui em frente à minha janela. Foi um dia muito bonito, a primavera está mesmo no ar. Fiquei no sol o dia todo, agora há pouco tomei banho, fiz um mate, e dei mais um jeito no quarto, com as outras coisas que vieram de São Paulo. Está ótimo, parece uma casinha (*apud* Novais 2017:114).

O filho que escreve para a mãe o faz a partir de um desejo: “deu vontade, de repente, de escrever para a senhora”. O movimento é flagrantemente distinto dos dois motores da atividade online, responder e reagir – a qualquer coisa, a coisa alguma. Antes de tudo, então, o corpo que escreve a carta é um corpo afetado pelo desejo, e um corpo pronto a afetar outro, criando também desejo. A ausência, que anda sumida das (não) escritas de telemóvel, funciona como o ar que acende literalmente o fogo do desejo no pensamento do século XVI, e que foi o que permitiu à língua portuguesa, como entende Marilena Chauí, ter “o engenho e a arte de inventar” a palavra “*saudade*” (2011:17): foi ela que ajudou o quase português Espinosa, no XVII, a pensar sobre o desejo. Agora é a filósofa paulistana quem dialoga com o autor da *Ética*, e ela

escreve: “O laço que prende o desejo à ausência tornou-se gradualmente a definição do próprio desejo” – autores como Espinosa e Hobbes entendem “*desiderium* como amor do que falta” (2011:17).

Como não quero tratar aqui do desejo que se orienta à plenitude, a Deus, restrinjo-me ao desejo humano, fundado na ausência. Se a falta é um dos palcos do desejo, a escrita da carta trabalha justo nesse lugar, não para supri-lo, tampouco para superá-lo, mas para construir uma zona de afetação dentro da ausência, criando, ali, uma presença que, não sendo o corpo de quem escreve, revela-se, mundanamente, como corpo da escrita. Essa vinculação entre desejo, ausência e texto como presença de uma ausência, pensemos, é o que há de mais distinto das reações movidas pelo FOMO: não há, num movimento como o de Caio Fernando Abreu, qualquer medo de perder algo, ou de ficar de fora, pois o fora é já uma das condições do desejo. Não é decerto absurdo supor que o “deu vontade” não reage senão a um mando do desejo, e que, portanto, se situa num atrito entre servidão e liberdade.

Não avanço nesse aspecto agora, pois quero considerar uma circunstância de perversão do desejo. Escreveu Deleuze: “uma conexão não é separável de um poder ser afetado”. O desejo, se se liga a uma ausência, é um mover-se em direção a algo que se impõe ao desejante. Não conheço manancial mais rico para se pensar exatamente esse problema que a poesia de Camões. Entre diversos versos camonianos que poderiam entrar nesta fresta deste ensaio, recolho uns de “Amor é [um] fogo que arde sem se ver”. No meio da lida interminada de conceituar amor (e interminada porque ainda presa do desejo), lemos que Amor “É servir a quem vence, o vencedor” (2005:126). Claro que estou intercambiando, na leitura de Camões, amor e desejo, e é isso mesmo o que desejo. No que me interessa agora, entendo que “servir”, no verso, além do tudo o que pode significar, não deixa de esboçar um movimento, ou seja, um ir ao encontro da alteridade desejada; esse ir, obviamente, é desempoderado, humilde, portanto aberto.

Mas o desejo que é disputado numa sociedade em que desejar equivale a desejar consumir é investido, por uma imensa gama de discursos, de uma espécie de falso poder, até outro dia traduzível pela expressão “poder de compra”. Esse poder ilusório ainda é vigorante, mas agora divide espaço com o que posso chamar de poder de acesso, pois a infoesfera redimensionou a importância relativa dos objetos. O desejo, portanto, vê-se colonizado por uma sua perversão, que tem como um dos traços mais conspícuos tentar equilibrar, em pratos gêmeos, o empoderamento aparente do usuário que acessa e a irrelevância desse mesmo usuário enquanto sujeito desejante, posto que nada há de irredutivelmente seu em seu desejo. Em virtude desse empoderamento artificial, o desejo pervertido nada tem de humilde, tampouco de aberto.

E como fica, então, a ausência? Ela aumenta à medida que se reduz. Transforma-se numa espécie de presença fantasmática, posto que a ilusão da constante presença, que é, em rigor, a própria produção da *despresença*, impossibilita a ausência que produz o desejo e escritas do desejo, mas não cria qualquer proximidade. O que se hipertrofia é uma presença espectral, fantasmática, que produz ainda uma nova ambiguidade, que tento traduzir com outro paradoxo: um dos resultados da série de normatividades impostas pela infoesfera é a deslocação do estranho. Num dizer um bocadinho mais elaborado, talvez a boa pergunta seja: como se configura o *Unheimlich* freudiano num momento em que a própria estranheza, ou a infamiliaridade, adquire contornos nunca antes experimentados? É claro que ainda somos pessoas angustiadas, claro que o *Unheimlich* ainda se apresenta em nossas penumbras, mas, penso, como podemos experimentar o estranhamento, o infamiliar, quando nos é reduzida de maneira inaudita justamente a infamiliaridade (e, como eu escrevi muito acima, o WhatsApp está na comissão de frente da perda da infamiliaridade)? Este é o novo paradoxo: a presença fantasmática, a *despresença*, é a outra face da moeda da diminuição da alteridade como estranhamento.

Escrevi que o corpo anda sendo subtraído de seu vigor imperfeito. Ainda há corpo, claro, mas esse corpo não é um tanto zumbi? Rodrigo Nunes associa essa figura monstruosa ao neoliberalismo depois de 2008. Naquele ano, a imensa crise financeira que devastou muitas vidas sugeria que o capitalismo neoliberal estava a um passo do fim, e que urgia, portanto, criar novos modos de vida. Contudo, “o neoliberalismo continua aí, cambaleando, olhos vidrados, repetindo palavras de ordem mecanicamente – mas de pé” (2022:55-56). Mais adiante em seu ensaio, Nunes comenta que “a figura do zumbi tornou-se tão onipresente na cultura e no debate político pós-2008 que gerou sua própria pequena indústria de comentários tentando explicar essa ubiquidade. Como sugere um desses comentaristas”, no caso Chuck Klosterman, “talvez o sucesso dos zumbis seja menos uma questão de expressar medos inconscientes do que de oferecer um retrato da existência cotidiana da maioria das pessoas” (2022:56).

Esse retrato mostra um triste combate de todos contra todos: não apenas o neoliberalismo é zumbi, mas transforma a vida de milhões de pessoas numa luta desesperada pela sobrevivência, e essa batalha exige comer alguns cérebros – nem que sejam o de gente que, em tese, ocupa posição semelhante no espectro social. Movimento um bocado para o lado essa figura a fim de que ela me ajude a refletir sobre o corpo na infoesfera, cujo primeiro traço zumbi é a própria condição de estar e não estar, que lembra um indivíduo morto-vivo: vivo porque, enfim, vivo, mas morto porque desvinculado de seu espaço. Nesse sentido, voltando ao Deleuze que comentou Espinosa, se “uma conexão não é separável de um poder ser afetado”, ser-se afetado

na *despresença* é já uma afetação zumbi, posto que esse tipo de conexão não possui qualquer paisagem. Nessa afetação viva, porém morta, já que “a natureza e os limites do seu poder de ser afetado” é o que pode um corpo, a perda de limites espaciais, que, aparentemente, produz liberdade, produz, em verdade, o aniquilamento da paisagem, e, portanto, de uma relação que se faça com o corpo: por isso a perda do corpo, ou o surgimento de um corpo zumbi.

Portanto, um corpo que se mostre em sua plena mistura de potência e impotência só pode se relacionar com uma escrita que seja ela, também, corpórea. Escrita assim engendra um texto que é, ele mesmo, um corpo de encontro, que medeia a relação entre pessoas e cria, nele, um lugar de relação. É aí que o texto adquire o estatuto de paisagem, não apenas contemplando a paisagem que o cerca e se relacionando com ela, mas produzindo uma subjetividade profunda, e profunda apenas porque alterizada. Nesse lugar é que reside a muito especial configuração do eu dentro da poesia. Sousa Dias, filósofo português que dá muita atenção ao lírico, escreveu, em conversa com Rimbaud: “O sujeito da escrita poética nunca é o próprio poeta, o eu do poema não é o eu do poeta, mas outro, um outro na voz dele ou uma outra voz nele” (2014:16). O eu de uma carta pode também ser um outro? Ainda que as cartas se assinem (obras literárias também, mas aqueles nomes próprios são só nomes...), há nelas também claro franqueamento à alteridade, posto que qualquer exercício que cultive a linguagem ameaça a estabilidade do eu – e só pondo em questão a estabilidade do eu é que se constrói um eu com aptidão para se extrapolar a si mesmo. Paul Celan, por exemplo, entende uma grande semelhança entre o poema e a carta – ainda que ele eleja o vocábulo “mensagem”:

O poema, sendo como é uma forma de manifestação da linguagem e, por conseguinte, na sua essência dialógico, pode ser uma mensagem na garrafa, lançada ao mar na convicção decerto nem sempre muito esperançada de um dia ir dar a alguma praia, talvez a uma praia do coração. Também neste sentido os poemas estão a caminho, têm um rumo (1996:31).

Um poema, assim como uma carta posta numa garrafa para destinatário incerto, não suscita o tipo de reação, de resposta, motivado pelos antitextos digitais. Pelo contrário, a primeira resposta a esse tipo de mensagem é o silêncio, o acolhimento. Em minha experiência de sala de aula, alguns dos momentos de maior intensidade são os silêncios coletivos após a leitura de poemas: antes do primeiro comentário, meu ou de alguém, é preciso que o texto ocupe aquele espaço, torne-se dele paisagem, infiltre-se como lugar de relação. A construção de Celan é preciosa: só por ser “manifestação de linguagem” o poema tem vocação dialógica, pois o diálogo é uma das maneiras mais eficazes que se dão ao ser humano para provocar a afetação. A metáfora da mensagem na garrafa ainda contempla a condição solitária de quem produz, na linguagem, textos de encontro: não sabemos o que nossos textos vão encontrar, mas eles “têm

um rumo”, e talvez só saibamos quem podemos ser quando investimos na alteridade indomável que é não sabermos aonde vai o que escrevemos.⁵

É preciso considerar, inevitável mas rapidamente, uma comoção contemporaneamente muito presente. Tem vigorado, com grande brutalidade, uma afetação motivada inclusive pela perda da linguagem, que orienta parte deste ensaio. Uma linguagem reduzida é o adubo para a medra de ideologias de extrema direita, desde os fascismos surgidos após a Primeira Guerra até estrupícios historicamente legíveis como Bolsonaro e Trump. Agora, o império do digital, ou a conversão da realidade em infoesfera, permite que o contrário do texto ocupe o espaço da produção de pensamento, permitindo que bordões e frases de efeito sequestrem o velho espaço do debate público. Por outro lado, ficar no texto, cuidar do texto, que sempre foi um gesto de investimento no não igual, é, mais que nunca, um esforço que também se dirige à construção de possibilidades democráticas.

Assim, fora de uma comoção irracionalizante, rumo a uma afetação que potencie as relações, o texto como corpo de encontro é uma radical presença alterante e alterizante. O fato de o eu do poema não coincidir com o do poeta, como escreveu Sousa Dias, cria um espaço vazio e, por isso, generoso, pois a ausência de uma subjetividade facilmente localizável põe a própria subjetividade para girar, como num carrossel. Tonta, em vertigem, a subjetividade se acha na iminência de suspeitar de sua solidez e ter se reinventar, criando para si devires inesperados, em direção a um fora criativo e arriscado. Esse fora, espaço onde faz sentido estar, desmobiliza, a propósito, qualquer possibilidade de FOMO; não vige nele qualquer medo paralisante do estar fora, posto que, mesmo ameaçador, o fora é lugar de potência e vivacidade. O contrário do FOMO talvez equivalha a um medo arrepiante é de estar *dentro*, continuamente respondendo e reagindo a estímulos que nos submetem a perigosa lógica de controle. Aliás, a resposta demandada pelos mais diversos estímulos da infoesfera nada tem a ver com a resposta que uma carta espera: aquela é imediata e irrefletida; esta é lenta como certas carícias.

O encerramento deste texto é temperado por mais um poema, longo. É o de número 39 de um livro intitulado *Área branca*, escrito por Fiana Hasse Pais Brandão:

Quando eu vir vaguear por dentro da casa
o abeto que cresceu no bosque, hei-de
ajoelhar no soalho. Todas as coisas
comunicam entre si a totalidade das suas formas.
A mão que vai surgir do abeto apontará para mim.

Tenho de despir as tiras de brocado que envolvem as veias,
as cadeias de ouro dos rins. Deixar

⁵ O título do livro de Cláudia Lucas Chéu em que se encontra “Epístola de telemóvel”, como já indiquei, é *Beber pela garrafa*. Além de uma imagem cheia de erotismo e rebeldia, não deixo de ver nele um piscar de olhos para o texto de Paul Celan.

que as unhas longas da árvore passem
entre mim e o imo dos quartos interiores da casa.

Se essa figura imponente, a árvore, me reconhecer,
vou interromper o que escrevo, esperar ansiosa
a atracção que a insónia desse vulto
há-de exercer sobre mim. Rodo
até à tontura da morte.

Torturo-me
até à alegria. Encontro na casa
o tema da despossição e da agonia.

A pobreza antiga com que o corpo cai
para uma vala. Preso apenas às pérolas
que finem nas orelhas. Dante deixou-nos resvalar,
com os cânones clássicos, como se o poema
fosse uma escada. É-o, quando as figuras austeras
da Natureza perseguem os mortais. Querem confirmar
a sua configuração. Querem ser
reais, quando se aproximam.

Vai para diante da minha face, ao fundo.
Vem dos recantos, onde já não é a silhueta volúvel
enovelada pelo vento, à janela. Com lentidão
arrasta a forma táctil até à passagem do poema.

Sou eu que me vergo ao domínio.
Que me poise a marca incandescente na testa.
Tocará na meninge como num cofre.

Aceito coroas para depor sobre mim.
Deixo os pés do abeto empurrar
com a biqueira violetas. A fragrância
delas leva-me a imaginar poemas
em branco. Depois de percorrer um longo encadeamento
de sílabas sou outra. Vejo assomar a natureza nua.

(Brandão, 2006:329, 330)

Por que este poema ecoa ao fim deste ensaio? Por diversas razões. Uma delas é a sua gana furiosa, débil e, por isso, aberta, de conexão com o mundo. Esse corpo que se libera para encontrar outros corpos (e não exclusivamente os que entendemos com humanos) encontra na linguagem, poética, seu campo, sua *área*, de atuação e tangência. O que pode um corpo? Participar da evidência de gosto renascentista, muito alquímica, aristotélica, mas nem tanto, de que “Todas as coisas/ comunicam entre si a totalidade das suas formas”. Pode também ficar tonto, e no movimento da tontura “reconhecer” a alegria de uma morte dolorosa e metamórfica – “antiga”, ligada ao mais simples “cair” e reconhecer um “domínio” em nada autoritário, nem um pouco fascista, mas indicativo da insuficiência de um eu sólido.

O que pode a linguagem? Como nos ensinam Dante e Fiama, ser uma escada. Escada não cabe em apps.

Referências

- BERARDI, Franco (2020), *Extremo – crônicas da psicodelação*. Trad. Regina Silva. São Paulo, Ubu.
- BRANDÃO, Fiana Hasse Pais (2006), *Obra breve*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- CAIAFA, Janice (2004), “Une aventure propre aux villes”. *Chimères. Revue des schizoanalyses*, n. 54-55: Michel Foucault, généalogie, esthétique, contrôle. pp. 179-193.
- CAMÕES, Luís de (2005), *Rimas*. Ed. Álvaro J. da Costa Pimpão. Coimbra, Almedina.
- CELAN, Paul (1996), “Arte Poética”, in *O meridiano e outros textos*. Trad. e org. João Barrento. Lisboa, Edições Cotovia, pp. 31-32.
- CHAUÍ, Marilena (2011), “Os laços do desejo”, in *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 11-68.
- CHÉU, Cláudia Lucas (2018), *Beber pela garrafa*. Lajes do Pico, Companhia das Ilhas.
- DELEUZE, Gilles (2017), *Espinosa e o problema da expressão*. Trad. do GT Deleuze, coord. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, Editora 34.
- DIAS, Sousa (2014). “Poesia, arte bilingue”, in *O que é poesia?* Lisboa, Documenta, pp. 11-29.
- DIAS, Sousa (2013), “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle”, in *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo, Editora 34, pp. 223-230.
- GUMBRECHT, Han Ulrich (2010), *Produção de presença – o que o sentido não consegue transmitir*. Trad. Ana Isabel Soares. Contraponto, Ed. PUC-Rio.
- HAN, Byung-Chul (2022), *A expulsão do outro – sociedade, percepção e comunicação hoje*. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, Vozes.
- HEIDEGGER, Martin (2002), *Caminhos de floresta*. Coord. Irene Borges-Duarte. Trad. Irene Borge-Duarte et. alii. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- LLANSOL, Maria Gabriela (1994), *Lisboaleipzig 1 – O encontro inesperado do diverso*. Lisboa, Rolim.
- McLUHAN, Marshall (1996), *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 8. ed. Trad. Décio Pignatari. São Paulo, Cultrix.
- NOVAIS, Urandi Rosa (2017), *Caio F. na rede: escrita autoficcional e as faces de Caio Fernando Abreu no Facebook*. Feira de Santana, UEFS Editora.
- NUNES, Rodrigo (2022), “O presente de uma ilusão: estamos em negação sobre o negacionismo?”, in *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo, Ubu. pp. 53-70.

Abstract

Reduction of writing is one of the most important phenomena of our time. It is directly linked to the most diverse impositions coming from digital devices, that force a hypertrophy of response and reaction, while decreasing size and potency of texts. This impoverishes the scene of writing: it spreads everywhere, so, it is no longer located anywhere. Precisely for this reason, the body that writes and the landscape of this body are lost, also the experiencing of alterity and unfamiliar. Writing as an exercise of attention to language (in literature, in the epistle) that still maintains the possibility of building a place of democratic relationships and ways, since emptying language is, in itself, fertilizing violence.

Keywords: Scene of writing; Language; Absence; Alterity.

Resumen

Uno de los fenómenos más visibles de nuestro tiempo es la reducción de la escrita, que se conecta a muchas coacciones hechas por los dispositivos digitales: ellos imponen una hipertrofia de la respuesta e de la reacción, mientras disminuyen el tamaño e la potencia de los textos. Eso produce un empobrecimiento de la escena de la escrita, que, como se difunde por todos los sitios, ya no está en sitio algún. Justo por eso, se pierde el cuerpo que escribe y el paisaje de ese cuerpo, que experimenta la marchitez de la alteridad y del infamiliar. Es la escrita como ejercicio de atención al lenguaje (en literatura, en epístola) que todavía mantiene la posibilidad de construcción de un lugar de relaciones y caminos democráticos, pues drenar el lenguaje es, inevitablemente, hacer prosperar la violencia.

Palabras llave: Escena de escrita; Lenguaje; Ausencia; Alteridad.
